

DUAS FACES DE MACHADO DE ASSIS*

Ildo Carbonera ¹

RESUMO

Muitos autores didáticos estudiosos do mundo machadiano continuam aceitando pacificamente as duas fases e os adjetivos realista, cético e pessimista como definidores do tom que acompanha a maior parte da obra do autor de Dom Casmurro. Discordamos, valendo-nos das conversas, idéias e discursos apresentados por cientistas, políticos, oradores de sobremesa e escritores ao longo da ficção machadiana - de Contos Fluminenses a Memorial de Aires. Há ali as mais diversas manifestações de uma “prosa hilariante”, distante da famigerada “prosa pessimista”. Cético, mas também desabusado, sim, como está lá no conto **Teoria do Medalhão**: a ironia e a chalaça, juntas. A atitude do escritor e as formas de apresentação dos meios expressivos fazem lembrar das palavras de Adso, do romance O nome da rosa, de Umberto Eco: *Guilherme, ao contrário, ria só quando dizia coisas sérias, e se mantinha seriíssimo quando presumivelmente estava zombando.*

Palavras-chave: Literatura, Machado de Assis, Escola Realista, Prosa Hilariante

Abstract

Several literature textbook writers who study the machadian universe still accept unquestionably the two phases and the adjectives realist, skeptical and pessimistic as true determiners of the tone which prevails in the greatest part of the work of the Dom Casmurro author. We disagree on that, however, based on the discussions and ideas presented by the characters of Machado de Assis: scientists, politicians, after-meal raconteurs, and writers throughout the machadian fiction – from Contos Fluminenses to Memorial de Aires. There we can find a great variety of examples of a “hilarious prose”, which clearly differs from the notorious “pessimistic prose”. The author is skeptical but also daring, as we can notice in the tale **Teoria do Medalhão**. There we have irony and “chalaça”, altogether. The attitude of the author and the artistic forms descriptions remind us of Adso’s lines in the romance The name of the rose, by Umberto Eco: *Guilherme, on the contrary, would only laugh when he said serious things, and he would keep serious when he was clearly mocking.* (Tradução: Maurício Seibel).

¹ Ildo Carbonera é professor de Letras da Unioeste/Foz do Iguaçu/PR, Doutor em Literatura Brasileira (UFRGS). carbonera@unioeste.br

* *Desgraças que fazem rir* dá título a um projeto de pesquisa, transformado em artigo, inédito, desenvolvido na Unioeste – Foz do Iguaçu, tendo como base o conto **Guerra civil**, de Antônio de Alcântara Machado. O presente estudo é a junção de um projeto de pesquisa realizado na Unioeste, Foz do Iguaçu (primeira parte) com o trabalho final apresentado para a disciplina *LD – O conto de Machado de Assis*, ministrada pelo professor doutor Luís Augusto Fischer, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFRGS.

O pássaro que alçar vôo acima da planície da tradição e do preconceito deve ter asas fortes. É um triste espetáculo ver pássaros fracos, feridos, exaustos, adejando de volta à terra.

(Kate Chopin, **O despertar**)

PARTE I – MACHADO DE ASSIS E A ESCOLA REALISTA

Há uma distância muito grande entre o que traduzem as características realistas e a prática literária machadiana. Machado de Assis publicou obras de conteúdo predominantemente psicológico. Não temos notícias de um romance ou conto sequer de conteúdo notadamente histórico ou que apresente objetividade, veracidade, detalhismo, lei da causalidade, cientificismo, como querem os oficiosos, didáticos e tendenciosos estudos literários publicados por autores aduladores dos mundos ficcional e poético vistos pelas Escolas Literárias, localizadas num tempo e num espaço delimitados e fechados.

Segundo Paul Dixon, Machado de Assis afasta-se dessas características realistas omitindo detalhes, optando pelos desvios, pelas interrupções e pelos vazios, comprovando, também, que o autor de Quincas Borba nega constantemente o Realismo. Pensando na ironia, como marca decisiva da ficção machadiana, podemos afirmar que a sua ficção é moderna, mantendo uma distância muito grande daquelas características. *A literatura brasileira moderna* foi surgindo progressivamente e não formada a partir de uma Escola ou de uma certa Semana de 22.

Mas, por mais que os discursos dos profissionais da Educação, em congressos, fóruns, seminários e reuniões, apontem para um caminho novo, construtivista, democrático, de inclusão, discutido amplamente nos diversos setores que envolvem o processo ensino-aprendizagem - tipo *consultar as bases* -, não há como negar o fato de os Estudos Literários praticados no segundo grau e mesmo por alguns professores universitários manterem-se tradicionais, seguindo fielmente os rumos e princípios traçados por modelos ou por Escolas Literárias.

Não há nenhuma característica literária, nos livros didáticos, dos graus secundário e superior, que insinue humor, riso, prosa hilariante. Um estudo assim individualiza o escritor? Pois que seja. Mas o humor em Alcântara Machado não foi visto pelos líderes de 22!

Quando um estudioso do mundo da Literatura afirma que a Ironia é peça fundamental para a Literatura Moderna, estaria afirmando que Machado de Assis não teria sido irônico em sua ficção? Obras como Memórias póstumas de Brás Cubas e contos como os presentes em Várias histórias perderiam todo seu valor e brilho artístico se consideradas a partir de características realistas como objetividade, veracidade e detalhismo. O que sobraria dessas obras, e das outras do Autor, se ficássemos limitados à *lei da causalidade*? Se as personagens agem por razões de *natureza social ou biológica*, mas dificilmente por *razões psicológicas*, então essa característica pode ser aplicada ao Realismo, mas não a Machado de Assis.

Outro detalhe importante: a ironia é característica imprescindível para a ficção de Machado de Assis. Ora, *ironia* não é palavra que se encontre nos livros didáticos que tratam das características da Escola Realista. A ironia é palavra decisiva para as conquistas da Literatura Moderna. Algo estava errado. Assim, não soaria tão dissonante afirmar que as poesias satíricas de Gregório de Matos estariam bem próximas da expressão literária moderna.

No curso “A ficção de Machado de Assis”, ministrado pelo professor Flávio Loureiro Chaves, em 1991, foram destacadas algumas características da ficção machadiana: a presença da identidade dos contrários, a passagem da ideologia à linguagem, do texto filosófico ao texto literário, num processo progressivo de aprimoramento dos meios expressivos, alcançando a universalidade.

No Prefácio do romance Ressurreição, o Autor afirma: *Não quis fazer romance de costumes e sim o contraste de caracteres*. Um romance de costumes seguiria os passos de um romance de aventura, de uma história – aí sim, marcado pela veracidade, objetividade e detalhismo. Já um romance que apresentasse o *contraste de caracteres* significava revelar-se como romance psicológico. Será que ali estava ainda o pequeno Machado, e que o grande viria mais tarde, mesmo?

No ensaio “Ideal do Crítico”, Machado de Assis apresenta um perfil da crítica de sua época:

... é preciso ter alguma coisa mais que um simples desejo de falar à multidão. Infelizmente, é a opinião contrária que domina, e a crítica, desamparada pelos esclarecidos, é exercida pelos incompetentes (ASSIS, 1953: 11).

A opinião de Mário de Alencar a respeito da própria condição de crítico é clara e precisa:

A profissão de crítico é por isso entre nós das mais penosas, das mais ingratas, e das mais arriscadas (ALENCAR, 1953: 9).

A profissão de escritor, segundo Ernesto Sábato, também não é das melhores, pois

Dada a condição do homem, o artista tem infinitos motivos de sofrimento: às vezes, porque não é compreendido, ou porque desencadeia a fúria dos mediocres e ressentidos (SÁBATO, 2003: 159).

Em seu ensaio “O Primo Basílio”, sobre o romance de Eça de Queirós, Machado de Assis parece situar-se distante dos valores românticos e realistas, ao afirmar:

... seria mal cabido invocar o padrão do romantismo para defender os excessos do realismo (ASSIS, 1953: 175).

Caso o autor de Quincas Borba assumisse uma postura realista, na crítica e na criação, dificilmente falaria em excessos do *realismo*. Assim, poderíamos chamá-lo de escritor moderno, acompanhando um certo raciocínio de Eduardo Portela:

A crônica brasileira moderna tem, em Machado de Assis, um dos seus principais fundadores, senão o principal fundador (PORTELA, www.academia.org.br/biografia4.htm,1998).

Nesse momento de decadência dos valores românticos e do surgimento das bandeiras realistas, Machado de Assis assume uma postura independente, imparcial e decisiva.

Não peço, decerto, os estafados retratos do romantismo decadente; pelo contrário, alguma coisa há no realismo que pode ser colhido em proveito da imaginação e da arte. Mas sair de um excesso para cair em outro, não é regenerar: é trocar o agente da corrupção (ASSIS, 1953: 176)

Nos ensaios de crítica literária, Machado de Assis assume uma postura afastando-se do Romantismo e não se incluindo no grupo de escritores realistas – em ambos os casos, pelo emprego do pronome *eles* -, como podemos observar no segmento abaixo:

... devem os clássicos fazer justiça às boas obras dos românticos e dos realistas, tão inteira justiça, como estes devem fazer às boas obras daqueles (ASSIS, 1953: 16)

Em seu livro Introdução à Literatura Brasileira, Alceu Amoroso Lima aborda a questão dos *fenômenos de liberdade*, afirmando que tivemos apenas quatro expressões de liberdade:

... a liberdade de pensamento no arcadismo; a liberdade de sentimento, no romantismo; a liberdade de observação, no naturalismo; e a liberdade de forma, no modernismo (LIMA, 1995: 69).

Duas perguntas tornam-se evidentes. E o Realismo? Em qual dessas quatro expressões de liberdade podemos encaixar Machado de Assis?

No documentário *Machado de Assis – um mestre na periferia*, exibido na TV, Alfredo Bosi assim se expressa a respeito de Memórias Póstumas de Brás Cubas:

Como revolução formal, foi a mais importante da Literatura Brasileira, sem dúvida nenhuma. Começou o romance a que a gente passa a chamar de moderno (BOSI, 2003).

Conforme matéria veiculada via internet, o escritor mexicano Carlos Fuentes proferiu uma palestra na Academia Brasileira de Letras sob o título

Machado de la Mancha – Declarações entusiásticas sobre a Língua Portuguesa, destacando que Machado de Assis seguiu

... a linha da grande tradição criativa de Diderot e Cervantes (FUENTES, 2002).

Em Madri, na conferência *Machado de la Mancha: homenagem a Machado de Assis*, Carlos Fuentes apontou duas tendências do romance moderno: de um lado, a tradição de Cervantes, e de outro, a de Balzac, Zola, Tolstói e Stendhal. O escritor mexicano afirmou ainda que, além de renovar a tradição de Cervantes, e passar ao largo das tradições romântica, naturalista e realista,

Machado de Assis é um representante da herança de Cervantes, ao defender que não poderia haver criação sem a tradição que a alimentasse e a renovasse (Idem, ibidem).

É importante salientar que o autor de Dom Casmurro não apresenta nem guarda grandes rancores e ódios ou simpatias e elogios em relação ao Romantismo, aos parnasianos, ou a qualquer outra escola. Quando ele fala em *excessos do realismo*, talvez possam nos socorrer outras palavras suas, a respeito daquela escola:

Resta-me concluir, e concluir aconselhando aos jovens talentos de ambas as terras da nossa língua, que não se deixem seduzir por uma doutrina caduca, embora no verdor dos anos. Este messianismo literário não tem a força da universalidade nem da vitalidade; traz consigo a decrepitude. Influi, decerto, em bom sentido e até certo ponto, não para substituir as doutrinas aceitas, mas corrigir o excesso de sua aplicação. Nada mais. Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo; assim não sacrificaremos a verdade estética" (ASSIS, 1953: 177-8).

Qual verdade estética? A dos escritores, dos críticos, da escola vigente? Se assumir uma atitude realista significava sacrificar a verdade estética, em que escola literária poderíamos encaixar Machado de Assis?

A possível e provável independência de Machado de Assis em relação aos consagrados valores estéticos de seu tempo pode ser observada nas palavras abaixo:

... ventoinha, movida ao sopro de todos os interesses e de todos os caprichos, o crítico fica sendo unicamente o oráculo dos seus inconscientes adutores... O crítico deve ser independente, - independente em tudo e de tudo, - independente da vaidade dos autores e da vaidade própria" (ASSIS, 1953: 15).

Podemos afirmar que dados coletados em livros, de autoria de críticos e estudiosos do mundo da literatura, permitem resumir as características em quadros notadamente didáticos, facilitadores dos trabalhos a serem desenvolvidos em sala de aula, principalmente para aqueles profissionais que

não têm tempo, não gostam ou não costumam ler. As informações presentes no primeiro quadro podem ser encontradas comodamente em qualquer livro didático de segundo grau; as do segundo, vão surgindo após atentas e insistentes leituras da obra do autor de Quincas Borba.

Realismo

Objetividade

Lei da causalidade

Detalhismo

Apreensão sensorial da realidade

Veracidade

Denúncia das injustiças sociais

Contemporaneidade

Machado de Assis

Ironia

Relatividade dos conceitos morais

Negação da “fortuna”

Identidade dos contrários

Inconstância do ser humano

Contradição entre aparência e essência

Presença do inusitado

O quadro acima não deve ser lido como uma exposição maniqueísta, ou uma ponta como a negação ou anulação da outra. Talvez devêssemos apenas salientar que Antônio Vieira apresentou das mais variadas *denúncias das injustiças sociais* de seu tempo, todos os escritores são contemporâneos de todos os colegas de seu tempo, e que para a grande maioria dos livros didáticos uma das escolas literárias é chamada de Contemporânea, a literatura predominante a partir da segunda metade do século XX. Assim, já vai tarde a aplicação da expressão *pós-contemporâneos*.

Em relação ao quarto item das características do Realismo, *apreensão sensorial da realidade*, as palavras de Ernesto Sábato, no livro O escritor e seus fantasmas, são esclarecedoras, mesmo que na *sua* lista não constasse o nome de Machado de Assis:

Nenhum dos grandes criadores que citamos até agora se limita a transmitir emoções sensoriais: eles nos transmitem um universo dramático extremamente complexo em que os sentimentos e as paixões aparecem unidos a valores espirituais elevados, a idéias ou princípios morais ou religiosos, a uma formação filosófica ou estética (SÁBATO, 2003: 190).

No ensaio “A nova geração”, publicado na *Revista Brasileira*, II, em 1879, Machado de Assis já vislumbrava certos quadros das manifestações e dos estudos literários da época:

la me esquecendo uma bandeira hasteada por alguns, o realismo, a mais frágil de todas, porque é a negação mesma do princípio da arte... creio que de todas as que possam atrair a nossa mocidade, esta é a que menos subsistirá, e com razão; não há nela nada que possa seduzir longamente uma vocação poética (ASSIS, 1953: 188).

Quem teria hasteado a bandeira do Realismo, naquela segunda metade do século XIX? Que membros compunham *a nossa mocidade*? A pergunta soa novamente intrigante e instigante: não sendo romântico nem realista, como classificar Machado de Assis, lidas suas impressões a respeito de estilos e gêneros da época? Para Machado de Assis, o que havia no Realismo que impedia e negava uma *longa vocação poética*?

... o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr” (ASSIS, 1953: 147).

Em seus estudos a respeito da Literatura Brasileira da época, no ensaio “Instinto de Nacionalidade”, Machado de Assis não assume uma postura favorável a uma “escola” em detrimento de outra. Ele insinua estar sempre em outro lugar. O fragmento abaixo é ilustrativo.

Esta casta de obras conserva-se aqui no puro domínio da imaginação, desinteressada dos problemas do dia e do século, alheia às crises sociais e filosóficas” (ASSIS, 1953: 139).

Afirmar que a obra de Machado de Assis apresenta duas fases distintas, uma romântica outra realista, é confundir-se duplamente. Caso contrário, que significados assumem as palavras que seguem?

Esse dia, que foi o romantismo, teve as suas horas de arrebatamento, de cansaço e por fim de sonolência, até que sobreveio a tarde e negrejou a noite” (ASSIS, 1953: 180).

Concordadas as partes, teríamos um quadro surpreendente: as *horas de cansaço* representadas pela obra Contos Fluminenses; e as *horas de sonolência* marcadas pelas Histórias da meia-noite. Quando *sobreveio a tarde e negrejou a noite*” seria o tempo dos *romances românticos* machadianos? Romântico, Machado de Assis trataria a si mesmo com palavras tão precisas, cordiais e consoladoras? Ele seria tão complacente para consigo mesmo?

PARTE II – A PROSA HILARIANTE

Em Caguaçu os revolucionários. Em São Tiago os legalistas. Entre os dois indiferente o Rio Jacaré.

(Alcântara Machado, *Guerra Civil*)

1. POLÍTICOS

Os *leões impetuosos*, revelados *cordeiros pacatos*, estão representados por Luís Tinoco, na política – “Aurora sem dia”, José Cândido – “Um ambicioso” e Romualdo – “O programa”.

Na apresentação de cada um deles, o narrador não poupa elogios nem disparates, vistos por entre os risos de um leitor atento. Quanto a Luís Tinoco, destacamos a passagem abaixo:

Desde aquele dia, sinceramente acreditou que tinha uma missão, que a natureza e o destino o haviam mandado à terra para endireitar os tortos políticos (ASSIS, 1951: 193).

Gouveia, de Esaú e Jacó, era amanuense, poeta e oficial, da mesma linhagem, conforme destacado no próximo item. Seguindo os passos do colega, além de poeta, Romualdo era político sonhador de primeira grandeza. Lemos os comentários do narrador:

... com o olhar fito no ar, e uma certa ruga na testa, antevia todas essas vitórias, desde a primeira décima poética até o carro do ministro de Estado (ASSIS, 1938: 295).

O detalhe e o charme da ruga na testa fazem lembrar de duas cenas, citadas alhures: o rapaz do nariz comprido (o pianista) e o autor do nó de gravata mais teso e correto de 1850 (o bacharel Duarte).

Em José Cândido, a ambição revela-se mais destemida e imperiosa, conforme revelam as palavras a seguir:

José Cândido saiu da casa do capitão certo de ver o seu nome proclamado aos quatro ventos do universo... Seus olhos pareciam dizer às esquinas, aos prédios, às calçadas das ruas: Vê-de: este é um dos bem-aventurados da terra! (ASSIS, 1938: 173).

Vale lembrar, aqui, dos conselhos e alertas confidenciais por Camacho a Rubião, no romance Quincas Borba.

Em política, disse ele, uma coisa de nada desvia o curso da campanha e dá vitória ao adversário (...). Ah, meu caro Rubião, isto de política pode ser comparado à paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; não falta nada, nem o discípulo que nega, nem o discípulo que vende. Coroa de espinhos, bofetadas, madeiro, e afinal morre-se na cruz das idéias, pregado pelos cravos da inveja, da calúnia e da ingratidão (ASSIS, 1938: 216-7).

O *leão impetuoso* que habitava os interiores de José Cândido revelava-se um verdadeiro *cordeiro pacato* graças às palavras dele próprio. Em plena campanha eleitoral, as circunstâncias e os fatos apresentam-se dos mais

diversos, e hilariantes. O esperançoso mancebo, no auge das suas certezas, assim pensava, visto pelo narrador:

José Cândido, vendo quinhentos, mil, duas mil cédulas manuscritas, imaginara que eram outros tantos votos, e figurava já o efeito de seu nome impresso com o algarismo dos votos adiante. Nunca mais fora à casa do capitão. Este, duas ou três vezes mandou-o chamar; uma vez chegou a procurá-lo, mas não o encontrou; deixou um recado, inútil (ASSIS, 1938: 189).

Vale salientar que o capitão era homem forte e influente no mundo da política local e regional. Mas, como explicar a José Cândido?

José Cândido não dormiu naquela noite, anterior às eleições. O quadro daquela manhã, do *momento fatal*, revelava-se assustador, não aos olhos do jovem candidato. Diz o narrador:

Pelos seus cálculos tinha quinhentos votos certos; a estes deviam acrescer uns duzentos votos de simpatia, ou pessoal ou produzida pelas mofinas dos jornais. Vários amigos ainda lhe filaram alguns mil réis, que ele entregou em dobro, para fortalecer as opiniões (ASSIS, 1938: 191).

Diante dos 37 votos recebidos, José Cândido era o espelho do fracasso, da frustração, do desencanto. Estava arrasado, arruinado. Mas, num instante, num passe de mágica, podemos ler assim, as palavras derradeiras:

José Cândido parecia inchar, subir, trepar as eminências; sentia-se superior. Seus olhos derramavam um olhar satisfeito ao passado. Depois concertava a gravata, a mais e mais amarela, com o gesto de um homem que preencheu seus destinos; puxava o colete para baixo com outro gesto sacudido, rápido, imperioso. E o resto do dia era um deleite, uma vida luminosa, dourada, juvenil... Pobres mortais! Até a ambição é caduca (ASSIS, 1938: 198).

2. CIENTISTAS

No conto “Galeria póstuma”, do livro Histórias sem data, de 1884, vamos encontrar a história de vida e morte de Joaquim Fidélis. O conto concentra-se entre os anos de 1842 - a formatura em direito, e 1879 – o seu passamento. Depois de sua morte, seus amigos encontram um livro de anotações; melhor chamá-lo de diário. Todos estavam lá, vistos pela imparcialidade do finado. O amigo Galdino Madeira apresentava-se assim, aos olhos de Joaquim:

O melhor coração do mundo e um caráter sem mácula; mas as qualidades do espírito destroem as outras (ASSIS, 1937: 98).

Numa primeira leitura, as informações mostram-se truncadas, ambíguas – o elogio e o disparate, juntos. Conforme prosseguimos, a figura de Galdino descortina-se ao tom da ironia, do riso e da objetividade:

Há no cérebro dele um certo furo, por onde o espírito escorrega e cai no vácuo. Não reflete três minutos seguidos... Os “dentes da calúnia” e outras expressões, surradas como colchões de hospedaria, são os seus encantos (ASSIS, id.ib.).

Em seu artigo “Contos de Machado: da ética à estética”, Luís Augusto Fischer observa:

... a ciência se transforma, na mão do autor, em objeto de indagação e, feitas as contas, em fator de desolação: porque nem a ciência poderia servir como novo paradigma civilizatório, capaz de serenar os ânimos da humanidade, de vez que também ela se converte no contrário da liberdade, encarcerando ou, no limite, matando o cientista (FISCHER, 1998: 163).

Nessa tentativa de descobrir pistas que nos levem à *prosa hilariante*, podemos afirmar que a estratégia de revelar sentimentos, razões e opiniões nas palavras de um diário do senhor Joaquim Fidélis, que se revela na voz de um defunto, pode ser reveladora. Diríamos assim: os leitores do diário de Galdino Madeira assumem o lugar dos leitores da ficção do Autor. Aqueles ficam sabendo da verdade lendo o diário depois da morte do seu autor; estes, lendo as entrelinhas, vendo o *leão* e o *cordeiro*, a *águia* e o *frango*, o *gavião* e a *pomba* – juntos -, geralmente numa segunda ou mesmo terceira leitura. As exclamações seriam as mesmas: Ah! – a confirmação; Ah? – o espanto.

Aquele *certo furo* pode estar na cabeça de outros cientistas, pesquisadores e/ou filósofos. Basta observar as conclusões e as máximas apresentadas em seus discursos e relatórios.

No conto “Capítulo dos chapéus”, o bacharel Conrado Seabra apresenta filosófica e cientificamente seus pontos de vista a respeito do chapéu:

- A escolha do chapéu não é uma ação indiferente, como você pode supor; é regida por um princípio metafísico (ASSIS, 1937: 109).

Diante das solicitações ou oscilações da esposa, para que trocasse o chapéu velho por um novo, em um tom irônico, marcado sutilmente pela esperteza e uma espécie de zombaria, ele insiste, resoluto e certo:

- O princípio metafísico é este: - o chapéu é a integração do homem, um prolongamento decretado *ab eterno*: ninguém o pode trocar sem mutilação (ASSIS, id.ib.).

Segundo Conrado, nenhum grande cientista ou estudioso deu atenção à metafísica do chapéu. Cada vez mais convencido da sua teoria metafísica, conclui:

... Quem sabe? Pode ser até que nem mesmo o chapéu seja complemento do homem, mas o homem do chapéu (ASSIS, idem: 110).

Não ao tom da senhora Veleidade, em “D. Benedita”, talvez aproximado, lemos o desfecho da intriga, na voz da esposa, Mariana, ao ver o marido de chapéu novo:

- Escuta uma coisa, respondeu ela com uma carícia divina, bota fora esse; antes o outro (ASSIS, idem: 128).

Um outro cientista que desfila pela ficção machadiana é Fulgencius, do conto “Ex-cátedra”. Nascido e batizado Fulgêncio, passou a chamar-se Fulgencius, assim explicado pelo narrador:

Pior que cego, ficou aluado. Foi pelos fins de 1873, na Tijuca, que ele começou a dar sinais de transtorno cerebral; mas, como eram leves e poucos, só em março ou abril de 1874 é que a afilhada lhe percebeu a alteração (ASSIS, 1937: 261).

(Diante do ano de 1873, certos empiristas brasileiros ou ingleses, estudiosos de Machado de Assis, despontariam eufóricos e exclusivos a proclamar: Fulgencius leu Contos fluminenses!!! Quanto a Histórias da meia-noite, por ser de 1873, o trabalho investigativo pode tornar-se um pouco mais complicado).

A tal alteração provinha de certas características do pensador e pesquisador, pois

Fulgencius vivia do escrito, do impresso, do doutrinal, do abstrato, dos princípios e das fórmulas (Assis, 1937: 262).

Dedicado aos princípios e fins da sua pesquisa, passou da superstição à alucinação. A *prosa hilariante*, aqui, assim se apresenta:

De outra ocasião, meteu-se a estudar nos livros a anatomia dos olhos, para verificar se realmente eles podiam ver, e concluiu que sim (ASSIS, id.ib.).

Caso Machado de Assis estivesse tratando da ciência, séria, o condicional se seria substituído pelo modo-interrogativo *como*, talvez.

Fulgencius não está sozinho. No conto “Aurora sem dia”, vamos encontrar Luís Tinoco, portador das mais promissoras e brilhantes carreiras: político, pensador, cientista, filósofo e poeta. Esta estudaremos no item 6.

Nos sonhos, planos e realizações do jovem e promissor político Luís Tinoco, podemos encontrar algumas cenas hilárias, em atos e/ou palavras, como as que seguem:

Inauguraram-se enfim os trabalhos. Tão ansioso estava Luís Tinoco que logo nas primeiras sessões, a propósito de um projeto sobre a colocação de um chafariz, fez um discurso de duas horas em que demonstrou por A+B que a água era necessária ao homem (ASSIS, 1951: 200).

Não saberíamos informar se as palavras acima soariam melhor na boca de um político, filósofo, pensador, cientista, ou quem sabe na de um poeta do tempo. Para provar a importância e a necessidade da água, bastaria o discurso de um político. Mas, como e onde ficariam os anos de pesquisa, dedicação e sacrifício, necessários para chegarmos a conclusões revolucionárias e estupefacentes, que passem o mundo da ciência, da literatura, da política etc?

3. Oradores de Sobremesa

No conto “Teoria do Medalhão”, podemos ler:

... para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento... frases feitas, locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos incrustadas na memória individual e pública. (ASSIS, 1937: 109).

Os conselhos daquele pai foram ouvidos e aplicados nas mais diversas e diferentes situações, tanto por escritores e políticos quanto por oradores de sobremesa. Destacadamente, os poetas estarão representados pelo senhor Luís Tinoco; os ficcionistas pelos senhores Xavier, coronel Borges e Lopo Alves; os oradores de sobremesa, pelo major Brás e pelo senhor tenente Porfírio. Não estamos certos a respeito de prováveis intromissões, afinal lidamos com vários *leões impetuosos*.

No conto “Valério”, o narrador adianta algumas informações a respeito do orador de sobremesa:

O orador de sobremesa é um tipo universal; entre nós tem já alcançado uma posição sólida e brilhante (ASSIS, 1938: 15).

Já em “As bodas de Luís Duarte”, a figura do orador de sobremesa vem representada na pessoa do tenente Porfírio, em palavras reveladoras do narrador:

O tenente Porfírio era o tipo de orador de sobremesa; possuía o entono, a facilidade, a graça, todas as condições necessárias a esse mister. A posse de tão belos talentos proporcionava ao tenente Porfírio alguns lucros de valor; raro domingo ou dia de festa jantava em casa. Convidava-se o tenente Porfírio com a condição tácita de fazer um discurso, como se convidava um músico para tocar alguma coisa. O tenente Porfírio estava entre o creme e o café; e não se cuidava que era acepipe gratuito; o bom homem, se bem falava, melhor comia. De maneira que, bem pesadas as coisas, o discurso valia o jantar (ASSIS, 1951: 99).

Este *bom homem* levou Beatriz, a senhora bondosa da vez, a exclamar, comovida:

- Fala muito bem! Parece um dicionário! (ASSIS, id.ib.).

Já o pai da noiva e anfitrião, José Lemos, diante das palavras do tenente Porfírio, vamos encontrá-lo assim, nas palavras do narrador:

José Lemos curvou a cabeça até tocar com a ponta do nariz numa pêra que tinha diante de si (ASSIS, 1951: 78).

Que palavras teria proferido o tenente Porfírio, para causar tamanha comoção, júbilo e encantamento? Dúvida atroz, difícil escolha, entre tantas. Ficamos com as que antecedem às reações do senhor Lemos e da senhora Beatriz:

- Minhas senhoras! Meus senhores! disse Porfírio; não irei esquadrinhar no âmago da história, essa mestra da vida, o que era o himeneu nas priscas eras da humanidade. Seria lançar a luva do escárnio às faces imaculadas desta brilhante reunião. Todos nós sabemos, senhoras e senhores, o que é o himeneu. O himeneu é a rosa, rainha dos vergéis, abrindo as pétalas rubras, para amenizar os cardos, os abrolhos, os espinhos da vida! (ASSIS, 1951: 118).

Por entre os risos, as comoções e as lágrimas dos convivas do tenente Porfírio, podemos observar certos comentários elucidativos de parte do narrador, como:

A estas palavras a assembléia seria cruel se não aplaudisse. O aplauso não atrapalhou o orador, pela simples razão de que ele sabia o discurso de cor (ASSIS, 1951: 117).

No conto “A parasita azul”, os comentários do narrador a respeito das habilidades e qualidades do major Brás, orador de sobremesa, fazem lembrar de muitos outros, mas algumas coisas tornam este senhor singular, único:

A facilidade com que ele se exprimia não tinha rival em toda a província. Além disso, era dotado de descomunal estatura, dominava de tal modo o auditório, que o simples levantar-se era já meio triunfo (ASSIS, 1951: 60).

Muitas outras personagens machadianas trazem consigo certas marcas de individualidade e singularidade, como podemos notar no rapaz do nariz comprido, do conto “Ernesto de tal”:

A graça, por exemplo, com que ele metia o dedo polegar da mão esquerda no bolso esquerdo do colete, brincando depois com os outros dedos como se tocasse piano, era de todo ponto inimitável (ASSIS, 1951: 135).

Há a possibilidade de haver duas, ou mais, histórias correntes na ficção de Machado de Assis, envolvendo os *leões impetuosos* e os *cordeiros pacatos*; uma, aquela observada por leitores românticos, desatentos, benévolos, emotivos, confiantes nas conquistas e realizações das jovens promessas políticas, poéticas e científicas; a outra, observada por leitores que riem, gargalham, atentos, na espreita por uma nova *prosa que faça rir*.

4. ROMANCISTAS, DRAMATURGOS E CONTISTAS

No conto “A chinela turca”, aquele bacharel Duarte, autor do nó de gravata mais teso e correto de 1850, não imaginava o que o aguardava, graças à visita do major Lopo Alves. As poucas palavras do diálogo abaixo deixam claro um fato presente em vários textos machadianos: a pomposidade, a vaidade e o auto-elogio dos falantes, diante do martírio e suplício de seus indefesos ouvintes.

- Dou-lhe uma notícia, que certamente não espera. Saiba que fiz... fiz um drama.
- Um drama! exclamou o bacharel.
- Que quer? Desde criança padeci destes achaques literários. O serviço militar não foi remédio que me curasse, foi um paliativo. A doença regressou com a força dos primeiros tempos. Já agora não há remédio senão deixá-la, e ir simplesmente ajudando a natureza (ASSIS, 1937: p. 123).

No conto “Aurora sem dia”, como veremos adiante, o dr. Lemos cumpre o papel do bacharel Duarte; e Luís Tinoco, o de Lopo Neves.

O ouvinte desses jovens escritores falantes radiantes, esperançosos e sonhadores, no conto “O anel de Polícrates”, é o próprio narrador. Um certo anel, colocado em um certo dedo, traria ao mundo um novo conto, conforme apresentado abaixo:

Um dia só, e foi então que me contou o caso digno de memória. Tão contente que ele estava nesse dia! Jurou-me que ia escrever, a propósito disto, um conto fantástico, à maneira de Edgard Poe, uma página fulgurante, pontuada de mistérios – são as suas próprias expressões – e pediu-me que o fosse ver no dia seguinte (ASSIS, 1937: 223-4).

Talvez não fosse necessário lembrar os nomes desses pobres mortais que vieram a este mundo para ouvir tantos disparates: o dr. Lemos, o bacharel Duarte, e, agora, o próprio narrador.

Em Quincas Borba, encontramos uma passagem que pode fornecer algumas pistas no sentido de adentrarmos aos segredos da ficção de Machado de Assis, mais precisamente aqueles relacionados à *coincidência dos*

contrários, apontada por Flávio Loureiro Chaves, no curso “A ficção de Machado de Assis”, em 1991:

E enquanto uma ri, outra chora; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. Tudo chorando, seria monótono, tudo rindo – cansativo (ASSIS, 1938: 89).

Os risos e as lágrimas podem ser vistos juntos, no conto “Valério”, graças a um certo deputado:

O deputado sorriu. O sorriso é a elasticidade aplicada à conversação; diz tudo e nada; isto e aquilo; o mau e o bom; confessa e nega; aceita e recusa (ASSIS, 1938: 27).

Quem sabe, aquele senhor, do conto “Teoria do medalhão”, que aconselhava substituir a ironia, *feição própria dos cétricos e desabusados*, pela chalaça, *a nossa boa chalaça, amiga, gorducha*, não esteja à sombra daquele outro senhor, o Conselheiro Aires, assim apresentado em Esaú e Jacó:

Não me demoro em descrevê-lo. Imagina só que trazia o calo do ofício, o sorriso aprovador, a fala branda e cautelosa, o ar da ocasião, a expressão adequada, tudo tão bem distribuído que era um gosto ouvi-lo e vê-lo (ASSIS, 1937: 52).

No mesmo romance, encontramos uma outra passagem que permite uma certa confiança, ou uma segurança maior, nessa busca de pistas e enigmas machadianos. O narrador oferece até

... um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro (ASSIS, 1937: 57).

No conto “Valério”, temos um outro homem das letras, propenso a grandes saltos e radiantes achaques literários, o coronel Borges, autor da obra Abaixo as máscaras. Há um certo mistério em relação ao gênero da sua obra. O que sabemos passa pelas palavras do narrador e pelo diálogo entre o coronel e sua esposa. As impressões do novo escritor são vistas assim, nas palavras do narrador, incondicionalmente:

Pegou na pena e escreveu um livro de duzentas páginas em que dizia coisas do arco da velha ao governo e ao país (...) e aguardava ansiosamente o dia em que aparecesse a obra e fizesse pasmar o mundo literário (ASSIS, 1938: 27-8).

O leitor atento e sagaz vislumbrou nas palavras acima a presença de uma certa ambigüidade. O fragmento pode ser utilizado para ilustrar este tema, dos escritores, e um outro, o dos políticos.

O diálogo, posterior às expectativas do coronel, não deixa dúvidas: os risos e as lágrimas devem mesmo acompanhar o ser humano em todos os tempos e lugares.

- Olha lá, meu André, não te vás meter em trabalhos...
- Que trabalhos, Luiza?
- Eu sei! Descompor o governo! Não te podes arriscar a ser preso?
- Isso não me há de acontecer, por desgraça minha! Obter a palma do martírio! Não, não sou tão feliz! (ASSIS, 1938: 28).

Nenhum mundo, literário ou político, esboçou qualquer pasmo. Aquele narrador com ares que o aproximam do Conselheiro Aires nos diz que a indiferença era geral, conforme podemos ver na passagem abaixo:

No dia em que o folheto apareceu, o coronel passou toda a manhã na rua do Ouvidor, conversando com algumas pessoas a respeito do acontecimento do dia. O acontecimento até então estava na imaginação do autor da obra... os exemplares começaram a correr o mundo. Mas poucos tinham tido tempo de folhear apenas algumas páginas (ASSIS, 1938: 33).

Não se tratava de romance de cunho literário, nem romance de cunho político; a obra não passava de um folheto, apenas.

5. POETAS

No romance Esau e Jacó, o capítulo “O terceiro” trata exatamente dos achaques poéticos de Gouveia, amanuense, oficial e candidato a poeta, terceiro pretendente de Flora. Quando sonhador e esperançoso, mais precisamente, quando amanuense, escrevia versos, desistindo da árdua e nobre tarefa quando nomeado oficial. Segundo comentários do narrador, aos primeiros sinais da paixão, o oficial cedeu lugar ao poeta. O quadro apresentado pela jovem promessa revelava-se assim:

Consigo, em casa da mãe, gastava papel e tinta a metrificar as esperanças. Os versos escorriam da pena, a rima com eles, e as estrofes vinham seguindo direitas e alinhadas, como companhias de batalhão; o título seria o coronel, a epígrafe a música, uma vez que regulava a marcha dos pensamentos. Bastaria essa força à conquista? Gouveia imprimiu alguns em jornais, com esta dedicatória: *A alguém*. Nem assim a praça se rendia (ASSIS, 1937: 350).

Do fragmento acima, vale destacar que o poeta parece escrever sob o olhar e a voz do oficial. Quanto ao rendimento ou não da praça, lemos o final do capítulo:

O oficial queria abrigar-se da chuva, o amanuense queria apanhá-la, isto é, o poeta renascia contra as intempéries, sem medo ao mal, prestes a morrer por sua dama, como nos tempos da cavalaria. Guarda-chuva era ridículo; poupar-se à constipação desmentia a adoração. Tal foi a luta e o desfecho; venceu o amanuense,

enquanto a chuva ia pingando grosso, e outra gente passava, abrigada e depressa. Flora entrou e fechou a janela. O amanuense esperou ainda algum tempo, até que o oficial abriu o guarda-chuva e fez como os outros. Em casa achou a triste consolação da mãe (ASSIS, idem: 353).

Leitor dos poemas de Luís Tinoco, autor de “Uma flor pálida”, “À beira de um túmulo” e Goivos e Camélias, o narrador adverte:

Os versos falavam de tudo, da morte e da vida, das flores e dos vermes, dos amores e dos ódios; havia mais de oito ciprestes, cerca de vinte lágrimas e mais túmulos do que um verdadeiro cemitério (ASSIS, 1951: 181).

Esses versos foram gerados pelas entranhas de um jovem promissor e *impetuoso poeta*, que assim reagia diante de seus inimigos, em palavras confidenciais confiadas ao Dr. Lemos:

Ah, meu caro amigo, dizia ele no caminho; não imagina quantos invejosos andam a denegrir o meu nome. O meu talento tem sido o alvo de mil achaques... A posteridade é a vingança dos que sofrem os desgãos do seu tempo (ASSIS: idem: 180).

E para que a *coincidência dos contrários* prossiga resoluto na ficção machadiana, apresentamos um outro comentário do narrador a respeito dos afazeres, tanto do homem quanto do poeta:

Os jornais andavam cheios de produções suas, umas tristes, outras alegres, não daquela tristeza nem daquela alegria que vem diretamente do coração, mas de uma tristeza que fazia sorrir, e de uma alegria que fazia bocejar (ASSIS, idem: 177).

Em Memorial de Aires, podemos encontrar uma das explicações para tantos desencontros entre intenção e ação. Na passagem de *leão impetuoso* para *cordeiro pacato*, a vida dos esperançosos mancebos trazia uma marca inconfundível: *Vontade sem ação, veiedade pura* (ASSIS, 1937: 59).

(Abaixo as máscaras, coronel Borges! Abaixo as Escolas, os modelos canonizados, os catedráticos que não lêem, as passagens e as diárias destinadas a certos congressos, jornadas e semanas!)

BIBLIOGRAFIA

Estudos Literários

ASSIS, Machado de. **Crítica literária**. São Paulo: Jackson, 1953.

BAKHTIN, Mikhail. “Rabelais e a história do riso”, in: **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento** – o contexto de François Rabelais. 2.ed., São Paulo: UCITEC, 1993.

BENEMANN, JM & CADORE, LA. **Estudo dirigido de Português – Língua e Literatura.**

São Paulo: Ática, 1987, v. 2.

CARBONERA, Ildo. **A emboscada machadiana.** Cascavel: Edunioeste, 2000.

DIXON, Paul. **O conto de Machado de Assis – mais do que sonha a Filosofia.** Porto Alegre: Movimento, 1992.

ECO, Umberto. **Pós-escrito a O nome da rosa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARACO & MOURA. **Língua e Literatura.** 6.ed., São Paulo: Ática, 1986.

FISCHER, Luís Augusto. “Crônica dos vinte anos: estudo sobre as crônicas editadas em 1859”, in: **Espelho – revista machadiana.** 2.ed., Porto Alegre, n. 2, 1996.

_____. “Contos de Machado: da ética à estética”, in: **Machado de Assis** – uma revisão. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.

LIMA, AA. **Introdução à Literatura Brasileira.** 5.ed., Rio de Janeiro: Agir, 1995.

MAIA, JD. **Literatura: textos & técnicas.** São Paulo: Ática, 1995.

MATTOS, Geraldo. **Teoria e Prática de Língua e Literatura.** São Paulo: FTD, s.d., v.2.

SÁBATO, Ernesto. **O escritor e seus fantasmas.** São Paulo: Cia das Letras, 2003.

Criação Literária

ASSIS, Machado de. **Contos fluminenses.** Rio de Janeiro: Jackson, 1937, V. 2.

_____. **Histórias da meia-noite.** Rio de Janeiro: Jackson, 1951.

_____. **Papéis avulsos.** Rio de Janeiro: Jackson, 1937.

_____. **Histórias sem data.** Rio de Janeiro: Jackson, 1937.

_____. **Quincas Borba.** Rio de Janeiro: Jackson, 1938.

_____. **Várias histórias.** Rio de Janeiro, Jackson, 1955.

_____. **Esaú e Jacó.** Rio de Janeiro: Jackson, 1937.

_____. **Relíquias de Casa Velha.** Rio de Janeiro: Jackson, 1938, VV. 1 e 2.

_____. **Memorial de Aires.** Rio de Janeiro: Jackson, 1937.

ECO, Umberto. **O nome da rosa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

GLEDSON, John (org.). **Contos / Uma Antologia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HAMSUN, Knut. **Fome.** Rio de Janeiro: Delta, 1963.

MACHADO, Alcântara. **Novelas paulistanas.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.